

Expansão do PIB requer mais investimento

Relação da formação de capital e PIB ainda é baixa se comparada a outros países

ANA CAROLINA SAITO E
JAIME SOARES DE ASSIS
SÃO PAULO



ANDRÉ REBELO

Ger. do Depto. de Economia da FIESP

A previsão de crescimento do PIB da Austing para 2008 é de 4,6%. Prever uma taxa acima de 5% não condiz com a realidade, segundo Agostini. "Em primeiro lugar, a base é maior. E o mercado mundial está em desaceleração", diz o economista.

Com investimento em torno de 17% do PIB, a taxa potencial de crescimento da economia brasileira é de 4,5% e 5%, afirma o consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida. Na sua avaliação, o Brasil não precisa adotar o padrão asiático e atingir investimento de 40% do PIB como a China, já que conta com um padrão de consumo mais elevado. "Temos de chegar a 25% do PIB. Com isso, podemos pensar em uma taxa potencial maior, de até 7%", diz.

"O nosso ímpeto está no consumo e no crédito. Temos de olhar mais para os investimentos, pois isso dá uma sustentação maior para a economia e afasta o risco de ciclos curtos de crescimento", afirma Gomes.

André Rebelo, gerente do departamento de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), considera que os investimentos estão em um ritmo forte mas estão aquém da necessidade do País por falta de crédito para o setor privado.

Rebelo afirma que o BNDES, que deverá bater recorde em financiamentos em 2008, é um banco de atacado. "Para fazer um projeto de bilhões (no banco) é fácil, uma operação de R\$ 200 mil é difícil", na definição de Rebelo.

O banco tem linhas para grandes projetos e a indústria tradicional, que gera emprego e renda e é pressionada pelo câmbio e os produtos importados, encontra dificuldade em conseguir empréstimos

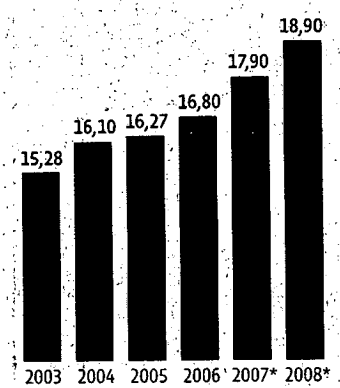
bancários. O gerente da Fiesp refere-se a setores como a indústria de calçados, artefatos de madeira e metais.

Para Walter Machado Barros, presidente do conselho do Instituto Brasileiro dos Executivos de Finanças (IBEF), o volume de investimentos no País ainda é modesto em decorrência da falta de recursos para projetos de longo prazo. "O Brasil tem potencial para ter um volume de formação de capital mais relevante do que temos", declara.

De acordo com Barros, a participação do investimento no PIB pode sair dos 15% a 16% dos últimos anos para patamares mais elevados a médio prazo sem gerar inflação. "Nós temos

TAXA DE INVESTIMENTO

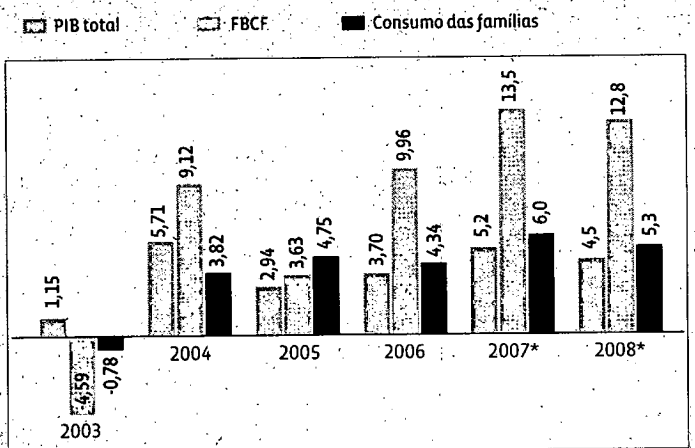
Relação formação bruta de capital fixo/PIB (em %)



Fontes: IBGE, LCA Consultores e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Projeção

CICLO DE EXPANSÃO

Contas Nacionais (Variações reais - em %)



Fontes: IBGE e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Projeção da LCA Consultores

margem para isso", afirma o presidente do IBEF.

As aplicações em Bolsa de Valores referem-se a compra de ações emitidas, somente os investimentos em IPO, relativos a abertura de capital, entram para financiar as empresas. Barros afirmou que não questiona os gastos públicos mas a qualidade deles. A falta de investimentos em infra-estrutura (portos, rodovias, silos, logística entre outros) desencoraja o capital externo por falta de segurança nas aplicações de médio e longo prazos. "As bolsas não são suficientes e o BNDES está buscando funding para atender a demanda por recursos", comenta.

Demanda interna aquecida

A demanda interna e pelos investimentos vão impulsionar os resultados do PIB, que serão divulgados hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O PIB deverá fechar em US\$ 1,312 trilhão em 2007, com crescimento projetado de 5,3% na estimativas da Tendências Consultoria.

A abertura da demanda é de 6,1% do consumo das famílias em 2007, diante de 4,3% em 2006. Os investimentos tiveram uma participação importante, com crescimento de 13,4% de formação bruta de capital diante de 8,7% em 2006, segundo os cálculos de Marcela Prada, da Tendências.

Ocorreu no Brasil uma mudança estrutural importante marcada pela maior oferta de crédito que passou de 28% para 35% do PIB em um ano. "Houve uma mudança de patamar", diz Rebelo, da Fiesp. Essa alteração reflete na confiança das empresas que voltam a investir em produção.

É o caso da Selovac, fabricante nacional de máquinas para a produção de embalagens principalmente para o setor de alimentos. Com um faturamento de R\$ 30 milhões em 2007 e mais de 100 funcionários, a empresa investiu cerca de R\$ 4 milhões no ano passado na aquisição de máquinas e equipamentos e planeja uma nova rodada de aportes de até R\$ 5 milhões em 2008. A expectativa é ampliar novamente em 15% as vendas neste ano. "Hoje, o foco é o mercado interno. Não estamos fazendo esforço para exportar", comenta o diretor da companhia, com sede em Guarulhos (SP), Cornelis Henrique Borst.

Para a consultora da Tendências, o consumo interno seguirá firme em 2008 impulsionado pelo crescimento da massa salarial e do crédito. "As perspectivas são favoráveis para os próximos meses e o consumo continuará crescendo", afirma Marcela Prada.

A LCA também prevê um crescimento de 6% no consumo das famílias em 2007. Para este ano, a taxa de crescimento deve desacelerar para 5,3%. Mesmo assim, contribuirá com 3,2 pontos percentuais do crescimento de 4,5% estimado pela consultoria. "O crédito não deve dar o mesmo impulso do ano passado. Não há previsões para a redução dos juros e custo do crédito aumentou", diz o economista da consultoria, Éverton Santos.

Do lado da oferta, a agroindústria deve contribuir com crescimento de 5,5% e indústria e serviços, com expansão de 4,8% no ano passado. O PIB da indústria deverá acompanhar este desempenho e ficar em 5%, diz Rebelo, da Fiesp. Os outros itens referentes à indústria de transformação (5,1%) e de cons-

trução civil (4,8%) também mostrarão alinhamento com os dados oficiais.

"2007 será o ano da indústria", diz o consultor do Iedi, Júlio Sérgio Gomes de Almeida. Ele destaca ainda o crescimento dos serviços de telecom e informática, que também devem apresentar uma importante contribuição para o aumento de produtividade.

O gerente da Fiesp prevê uma pequena desaceleração em 2008 e um leve recuo do PIB para 4,8% este ano provocado por uma esfriada no mercado mundial. O resultado permanece positivo. "Estamos 50% acima da média dos últimos vinte anos que ficou em 3%", acrescenta Rebelo.

O crescimento dos investimentos e mercado interno vêm compensando as perdas no setor externo. A contribuição negativa do setor externo na taxa de crescimento do PIB deve ser de 1,7 ponto percentual (p.p.) neste ano, ante decréscimo de 1,6 p.p. em 2007.

O panorama é reflexo da valorização cambial. Segundo Santos, da LCA, a expectativa é de apreciação de 13,7% em 2008, com a cotação do dólar em R\$ 1,68 na média do ano.

Para 2009, a consultoria espera que o setor externo reduza a sua contribuição negativa. "Principalmente, pela menor contribuição do câmbio", diz o economista. A previsão de uma valorização menor, de 4%, e dólar a R\$ 1,60 na média do ano.

Embaladas pelo câmbio apreciado, as importações devem fechar o ano passado com uma participação expressiva, com 21,4% em 2007 em comparação com 18,1% 2006. As projeções indicam que as exportações crescem 6,5%, superior aos 4,6% em 2006, segundo a Tendências Consultoria.

Para o consultor do Iedi, mesmo com a força do mercado interno e o crescimento dos investimentos compensando as perdas do setor externo, o Brasil não deve abrir mão das exportações. "Os demais países emergentes não abrem mão de nada", afirma Almeida.